



As construções existenciais e o problema da avaliação linguística

Existential constructions and the problem of linguistic evaluation

*Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória**

RESUMO: Tendo em vista que o estudo de uma comunidade de fala não deve se esgotar na descrição e caracterização de seus traços linguísticos, mas também deve buscar explicitar suas atitudes avaliativas, pois o prestígio ou o estigma que uma comunidade associa a determinada variante pode acelerar ou barrar uma mudança na língua, mensuramos as normas subjetivas dos falantes maceioenses em relação à variação *ter* e *haver* em construções existenciais e à concordância verbal associada a essas formas verbais. Para tanto, recorremos à Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972) e utilizamos um teste de reação subjetiva composto por 20 questões, que foi aplicado a 60 informantes maceioenses. Nossos dados apontam não só que *ter* é o verbo existencial preferido, mas na situação formal e nos tempos pretérito imperfeito e perfeito e futuro do presente, há um aumento na escolha de *haver*, o que parece indicar que estamos diante de um marcador linguístico, como também que *haver* e *ter* na terceira pessoa do plural – 3PP são as variantes preferidas, sendo mais frequentes na situação formal e nos tempos pretérito imperfeito e perfeito, sugerindo que não há estigma no uso dessas variantes.

ABSTRACT: Considering that the study of a speech community should not be exhausted in the description and characterization of its linguistic traits, it should also seek to make explicit its evaluative attitudes, because the prestige or stigma that a community associates with a given variant can accelerate or prevent a change in the language, we measured the subjective norms of the maceioense speakers in relation to the variation of “*ter*” and “*haver*” in existential constructions and the verbal agreement associated with these verbal forms. To do so, we use the Theory of Language Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972) and we used a subjective reaction test composed of 20 questions, which was applied to 60 maceioenses informants. Our data suggest not only that “*ter*” is the preferred existential verb, but, in the formal situation and in the imperfect, perfect and future of the present times, there is an increase in the choice of “*haver*”, which seems to indicate that we are before linguistic marker, that to “*haver*” and “*ter*” in the third person plural – 3PP are the preferred variants, being more frequent in the formal situation and at imperfect and perfect times, suggesting that there is no stigma in the use of these variants.

* Doutora em Linguística. Professora de Linguística e Língua Portuguesa do curso de Letras da UFAL – Campus do Sertão e do PPGLL da UFAL.

PALAVRAS-CHAVE: *Ter* existencial. *Haver* existencial. Concordância verbal. Avaliação linguística.

KEYWORDS: “*Ter*” existencial. “*Haver*” existencial. Verbal agreement. Linguistic evaluation.

1. Introdução

As construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver* têm sido objeto de diversos estudos sociolinguísticos que mostram que, nas variedades do português brasileiro, *ter* é o verbo existencial preferido (CALLOU; AVELAR; 2000; DUTRA, 2000; SILVA, 2001; VITÓRIO, 2015; SOUZA, 2015; CARDOSO; MOTA, 2017; OLIVEIRA, 2017). Esses estudos apresentam que, apesar do alto percentual do verbo *ter* na língua falada, ainda há fatores que condicionam o uso do verbo *haver*, a saber, o argumento interno com traços [+ abstrato] e [+ evento], os verbos no tempo passado e os falantes mais velhos e mais escolarizados.

Na língua escrita, por causa do conservadorismo linguístico a que tende essa modalidade de uso da língua, *haver* é o verbo existencial selecionado. No entanto, estudos de Callou e Duarte (2005), Avelar (2005) e Vitória (2012) já mostram a implementação de *ter* na escrita padrão. Na escrita escolar, por sua vez, verificamos, conforme Vitória (2015), que há uma competição acirrada entre *ter* e *haver*, o que pode ser um indício de que o uso de *ter* não seja estigmatizado, mesmo na língua escrita. No entanto, com o aumento do nível de escolarização, há um aumento no percentual de uso de *haver*, passando de 24% para 68%.

Outro ponto a destacar diz respeito à concordância verbal estabelecida com essas formas verbais. Embora as gramáticas normativas considerem que *haver* com sentido de existir seja um verbo impessoal, logo deve ser usado invariavelmente na terceira pessoa do singular – 3PS (CUNHA; CINTRA, 2001; BECHARA, 2001)¹, estudos linguísticos apontam a possibilidade de concordância entre o verbo existencial e o seu

¹ Em relação ao uso do verbo *ter* com sentido de existir, conforme Vitória (2010a), os manuais normativos ou não o citam, ou quando o citam associam o seu uso à linguagem informal, devendo também ocorrer na 3PS.

complemento em construções como *tinham/haviam documentos na pasta* (CALLOU; AVELAR, 2013; CALLOU; BATISTA; ALMEIDA, 2015; BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2015).

É importante também considerar o valor social associado a essas formas variantes, tendo em vista que as variantes inovadoras *ter* existencial, *haver* na 3PP e *ter* na 3PP estão presentes em diálogos entre amigos, em apresentações de trabalhos acadêmicos, em falas telejornalísticas, em mensagens escritas em ambientes virtuais e até mesmo em contextos de escrita mais formal, revelando o nível de consciência social dessas variantes linguísticas. No entanto, o que se sabe sobre a avaliação social dessas formas tende a ser inferido por meio dos estudos de produção, com o controle de fatores sociodemográficos e estilísticos.

A avaliação das variantes é um dos problemas previstos pelo estudo da mudança linguística, que postula que o falante possui julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua, o que significa dizer que, embora apresentem o mesmo valor de verdade ou representacional, as variantes linguísticas tendem a diferir quanto às avaliações ou valorações sociais, podendo assim, serem consideradas como estereótipo, traço linguístico socialmente marcado de forma consciente; marcador, traço linguístico social e estilisticamente marcado; e indicador, traço linguístico socialmente marcado, mas não sujeito à variação estilística.

Neste estudo, analisamos o que pensam os falantes sobre o uso dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na cidade de Maceió/AL, ou seja, procuramos mensurar as normas subjetivas dos falantes maceioenses em relação à variação *ter/haver* em contextos existenciais e à concordância verbal relacionada a essas formas verbais, tendo em vista que a avaliação linguística é um aspecto social relevante da variação e da mudança linguística (LABOV, 1972), pois o prestígio ou o estigma que uma comunidade de fala associa a determinada forma linguística pode acelerar ou barrar uma mudança na língua.

Nosso objetivo é continuar a contribuir para o desvelamento não só da variação *ter* e *haver* em contextos existenciais, mas também da variação da concordância verbal relacionada a essas formas verbais. Para tanto, reportamos o resultado de um teste de reação subjetiva quanto ao uso dessas variantes, considerando os efeitos do encaixamento social (monitoramento estilístico) e encaixamento linguístico (tempo verbal). Também consideramos, em relação à pluralização de *haver* e *ter* em sentenças existenciais, evidências de uso de diferentes fontes perceptuais, a fim de mensurar a avaliação social em estudo.

A fim de cumprir os propósitos enunciados, nosso texto está organizado da seguinte forma: na Seção 2, mostramos o que dizem os estudos linguísticos sobre *ter* e *haver* em construções existenciais; na Seção 3, apresentamos como esses verbos são usados na cidade de Maceió/AL; na Seção 4, apresentamos alguns aspectos concernentes aos pressupostos teóricos e a metodologia empreendida nesta pesquisa; na Seção 5, focalizamos as discussões dos dados obtidos tanto para a variação *ter/haver* quanto para a concordância verbal relacionada a essas formas verbais; por fim, na Seção 6, encerramos as discussões levantadas.

2. *Ter* e *haver* em construções existenciais

Pesquisas linguísticas que analisam a variação *ter* e *haver* com sentido de existir têm mostrado que, nas variedades do português brasileiro, as construções existenciais são formadas com o verbo *ter* e que o processo de substituição de *haver* por *ter* encontra-se em estágio avançado a depender de restrições linguísticas e sociais, a saber, especificidade semântica do argumento interno, do tempo verbal, da escolaridade, da faixa etária e da modalidade de uso da língua. Cardoso e Mota (2017), conforme a Figura 1, mostram a prevalência de *ter* e ressaltam que tal variação caracteriza-se mais como um caso de mudança em curso.

Figura 1 – Mapeamento dos verbos *ter* e *haver* existenciais no português brasileiro.

Fonte: Cardoso e Mota (2017, p. 102).

Avelar e Callou (2007) apontam que a entrada do verbo *ter* em contextos existenciais ocorreu em algum momento do século XIX e teve início entre os chamados “contextos opacos”, ou seja, em construções interpretadas como existenciais pelos falantes do português brasileiro contemporâneo, mas que na verdade, são verdadeiras construções possessivas, como observamos em (1). Os autores argumentam que tal “equivoco” está relacionado às restrições ao sujeito nulo no português brasileiro, que impossibilitam ao falante atribuir uma interpretação possessiva ao sujeito nulo das sentenças formadas com *ter* pessoal.

(1) pello dito Capitam Sebastião Mendes da Silveira me foi dito em prezença delle testemunhas ao diante nomeadas e assignadas, que *elle* esta de posse pacífica do Emgenho e terras que **tinha** na guaratiba – texto notarial/1660 385). (AVELAR; CALLOU, 2007)

Para reforçar a proposta de Avelar e Callou (2007), Marins (2013), ao analisar como se deu a implementação do verbo *ter* em sentenças existenciais, mostra, em comparação com os dados de Duarte (1993, 1995), que à medida que os sujeitos pronominais de referência definida aparecem cada vez mais expressos, sobem também os percentuais de uso de *ter* em construções existenciais, ou seja, as construções existenciais com *ter* aumentam juntamente com as construções com sujeitos plenos, como observamos em (2).

(2) **Essa minha tia** que mora aqui, **ela** é solteirona e eu acho que **ela** é super-feliz, sabe? Eu não acho que **ela** seria feliz assim. **Ela** é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. **Ela** – isso é até um pouco de – **ela** pensa muito mais nos outros do que nela, né. Mas eu acho que **ela** é uma pessoa feliz e tal, que não tem nada ... É que a vida não ficou a dever, entendeu, nada. Foi uma opção dela ficar solteira. **Ela** não ficou solteira porque não apareceu pretendente. **Ela** ficou solteira porque **ela** quis (M3a, 76-87) 46). (DUARTE, 1995)

A baixa frequência de *haver* e as restrições ao seu uso em alguns contextos existenciais são, de acordo com Avelar (2006a), resultados do fato desse verbo ter deixado de compor o acervo de itens funcionais e migrado sua matriz para o acervo de itens substantivos, residindo ao lado de itens como *existir*, *acontecer* e *ocorrer*, o que o estaria levando a alguma forma de especialização semântica que abarca a integralidade das construções existenciais, caso que não ocorre com *ter*, que é um verbo semanticamente neutro, não sendo mais possível falar em variação *ter* e *haver* como competição entre duas formas funcionais no português brasileiro.

A variação *ter* e *haver* existenciais no português brasileiro seria, segundo Avelar (2006b), “desencadeada pela ‘alimentação’ da **gramática periférica** no processo de escolarização [...] em oposição à **gramática nuclear**, construída no processo natural de aquisição da linguagem [...]” (p. 101), não havendo, na gramática internalizada dos falantes, tal variação, com o *ter* ocupando o posto de existencial canônico. É o que argumenta Vitória (2010b) ao apresentar que o verbo *haver* só deve ser adquirido

quando a criança entra em contato com a língua escrita, por isso as poucas realizações desse verbo na fala infantil.

Nesse contexto, a alta frequência de *haver* em construções existenciais na língua escrita se justificaria não por ser “um reflexo de procedimentos internos à gramática nuclear, mas do provimento da gramática periférica por elementos de prestígio na língua escrita” (AVELAR, 2006b, p. 118), com a escolarização exercendo um papel fundamental na manutenção/recuperação de *haver*, tendo em vista que um dos objetivos do ensino de língua portuguesa é ensinar as normas da escrita mais padronizada. *Haver* seria um verbo existencial funcional da escrita, ainda que não rechace por completo o uso do verbo *ter*.

Outro fator em relação a *ter* e *haver* existenciais diz respeito ao uso desses verbos tanto na 3PS quanto na 3PP. Callou e Avelar (2013) ressaltam o contraste estrutural entre as versões possessivas e existenciais de *ter* e *haver* na história do português, pois quando indicam posse, comportam-se como verbo pessoal e concordam com o argumento externo – [- plural] → [- plural] e [+ plural] → [+ plural] – quando indicam existência, comportam-se como verbo impessoal e não checam concordância. Alternar entre as duas estruturas pode ser a razão para a possibilidade de flexão quando o argumento interno é [+ plural].

Ao analisarem a fala culta do Rio de Janeiro, Callou e Avelar (2013) mostram que a concordância com o argumento interno é rara nessa variedade, houve apenas duas realizações com o verbo *haver*, como observamos em (3) e (4), representando menos de 3% dos dados na amostra do Nurc/RJ e, na amostra do Projeto Concordância, não houve realização de *haver* na 3PP, apenas três ocorrências com o verbo *ter*, como observamos em (5), representando 1% dos dados analisados. Nas variedades do português europeu analisadas, os autores mostram que a pluralização com *ter* e *haver* em sentenças existenciais não ocorre.

(3) e os cachorros que sempre ... sempre ... *haviam* muitos lá [...] (RJ-inq. 189/70)

(4) com as Embaixadas que *haviam* então (RJ-inq. 133/90)

(5) mas aí vou te contar ... *tinham* dois guias na nossa excursão (COP C3H)

(CALLOU; AVELAR, 2013, p. 205-206)

No português contemporâneo, o fenômeno da concordância verbal com os verbos *ter* e *haver*, em construções existenciais, é registrado, às vezes, em contextos em que o falante se encontra numa situação formal – um discurso político, por exemplo – e deseja ser considerado um falante da norma padrão, uma hipercorreção, talvez. Como o verbo *haver* é raro na linguagem coloquial, no PB, o uso da forma de terceira pessoa do plural é percebido de imediato. (CALLOU; BATISTA; ALMEIDA, 2015, p. 192).

Berlinck, Duarte e Oliveira (2015) também apontam a possibilidade de os verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais acionarem a concordância verbal com o seu argumento interno, como observamos em (6) e (7), principalmente quando estão no pretérito imperfeito e perfeito. As autoras pontuam que essas sentenças podem ser interpretadas como um processo de hipercorreção, tendo em vista que, nesse contexto, *ter* e *haver* significam *existir* e a regra das gramáticas normativas diz que o verbo *existir* deve concordar com o argumento interno, o que as leva a argumentar que talvez haja uma aproximação sintática entre esses verbos.

(6) Não *haviam* subsídios para auxiliar... (D2 SP)

(7) Antigamente *tinham* filmes mais assim, com maior conteúdo. (DID SP)

(BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2015, p. 96)

Perini (2016), ao tratar dos verbos que raramente ocorrem com sujeito, pontua não só que *ter* é a forma normal na construção de apresentação de existência, com o verbo *haver* ocorrendo raramente, como também que, segundo as opiniões tradicionais, *ter* e *haver* em sentenças existenciais não têm sujeito, logo o uso desses

verbos na 3PP não acontece, como observamos em (8). No entanto, o autor ressalta que, na língua falada, há uma tendência a regularização de *ter*, *haver* e *existir*, atribuindo também um sujeito às construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver*, sendo comuns frases como (9).

(8) *Teve* dois acidentes na minha rua. (e não * *tiveram*...)

(9) *Tinham* três jogadores do Chelsea na frente dele.

(PERINI, 2016, p. 109-110)

O autor também destaca que a pluralização desses verbos em contextos existenciais “ocorre em linguagem relativamente cuidada; no coloquial espontâneo, o fenômeno não ocorre, mesmo porque nessa variedade a tendência é oposta, de não concordar com sujeitos pospostos” (p. 110). Embora Perini (2016) restrinja a pluralização de *ter* e *haver* em sentenças existenciais à língua falada, verificamos que tal fenômeno também ocorre na língua escrita, principalmente na escrita mais monitorada, o que pode ser um indício de que não haja estigma nas variedades do português brasileiro, como observamos nas figuras (2), (3) e (4).

Figura 2 – Realização do verbo *haver* na 3PP em reportagem sobre a seleção do Pibic/UFAL.

Neste edital houveram modificações como simplificação do processo seletivo e definição da avaliação de mérito científico com critérios explícitos, padronização e ampliação na utilização de formulários institucionais do Google, alterações no modelo de projeto, com retirada de informações redundantes e simplificação do modelo, julgamento de recursos de enquadramento da documentação pela Propep e recursos de mérito científico pelo Comitê Assessor em PG&P, implantação de e-mail institucional para o Pibic e para orientadores e alunos participantes e manualização das atividades de avaliadores internos e externos.

Fonte: www.ufal.edu.br

Figura 3 – Realização do o verbo *haver* na 3PP em reportagem sobre o cigarro eletrônico.

Polêmicas sobre o cigarro eletrônico

O cigarro eletrônico não é considerado pelos especialistas como uma técnica para parar de fumar, o que muitas vezes é confundido pelo grande público. Sua venda é proibida no Brasil pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), desde 2009, justamente por não haverem provas consistentes de seu uso ser seguro. Mesmo assim, muitos brasileiros o utilizam, pois ele pode ser facilmente obtido em outros países em que sua venda é autorizada, como os Estados Unidos.

Fonte: www.minhavidacom.br

Figura 4 – Realização do verbo *ter* na 3PP em teste de raciocínio lógico.

Em um avião tinham 4 romanos e 1 inglês. Sabendo disso, qual o nome da aeromoça?

a) JUDITE c) MARIA e) LETÍCIA

b) LUIZA d) IVONE

Obs: Não vale chutar. Tem que justificar.

Fonte: Redes sociais.

O fenômeno da pluralização das construções existenciais no português não é recente. Callou e Avelar (2013) pontuam não só que, em textos antigos das décadas de 1940 e 1950, há evidências, embora raras, do uso da 3PP com *ter* e *haver* em sentenças existenciais, como também que, durante um longo período da tradição gramatical, o complemento de *haver* era interpretado como sujeito, ocasionando a concordância, fatos que reforçam a ideia de que esse fenômeno é resultado de uma mudança lenta e gradual, que pode estar associada ao valor possessivo original de *ter* e *haver* e ao uso desses verbos também como auxiliar.

Vários estudos já deixaram claro que [...] se pode perceber um aspecto crucial das mudanças que ocorreram na história da língua portuguesa, o de as versões existenciais de *ter* e *haver* terem herdado aspectos sintático-semânticos das suas versões possessivas, entre elas, a possibilidade de concordância, o que evidencia que um item pode emergir em um novo contexto sem mudar suas propriedades essenciais de seleção (CALLOU; BATISTA; ALMEIDA, 2015, p. 189).

É importante também destacar que a pluralização das construções existenciais não é um fenômeno restrito ao português brasileiro. De Mello (1991), ao analisar a pluralização de *haver* impessoal no espanhol falado culto, mostra que esse fenômeno é frequente em Lima, La Paz, Caracas, San Juan de Porto Rico e Santiago, menos frequente em Bogotá e Havana, e raro na cidade do México e de Buenos Aires, com a forma *haver* na 3PP sendo considerada padrão em algumas áreas. Segundo Fontanella (1992), esse fenômeno é resultado de um lento processo de mudança pelo qual passou o verbo *haver*, dado o seu valor original de posse.

3. *Ter* e *haver* em construções existenciais em Maceió/AL

Vitório (2015), ao analisar o (des)uso do verbo *haver* em construções existenciais na cidade de Maceió/AL, com o intuito de não só observar a implementação na língua escrita de formas linguísticas observadas na língua falada, mas também de checar que *haver* ainda se encontra na língua falada e como ocorre a recuperação dessa forma verbal na língua escrita, tendo em vista que *haver* parece não fazer mais parte do processo de aquisição da linguagem, pontua que “*ter* é o verbo existencial na fala, mas na escrita, há uma redução no seu percentual de uso, aumentando a frequência de *haver*” (VITÓRIO, 2015, p. 228).

Na língua falada, *ter* apresenta um percentual de 95% contra apenas 5% de *haver*, sendo essa variação condicionada tanto por variáveis linguísticas quanto por variáveis sociais, a saber, tempo verbal, traço semântico do argumento interno, escolaridade e faixa etária, com as poucas realizações de *haver* sendo favorecidas

quando o verbo está no tempo passado e quando o argumento interno apresenta o traço [+ abstrato], como observamos em (10) e (11), e entre os falantes mais velhos e mais escolarizados, revelando assim, que os falantes da F1 (15-29 anos) de todos os níveis de escolarização usam categoricamente o verbo *ter*.

(10) – não *havia* nenhuma necessidade agora no momento (L4L6083)

(11) eu acho que não *houve* tanta melhora não (L68L8352)

(VITÓRIO, 2015, p. 239)

Na língua escrita, por sua vez, o verbo *haver* apresenta um percentual maior de realização, mas há uma competição acirrada entre *ter* e *haver* – 52% de *haver* versus 48% de *ter* – que, segundo a autora, pode ser entendida como uma competição entre uma gramática inovadora e uma gramática conservadora. O verbo *haver* é mais frequente nos seguintes contextos, a saber, como argumento interno com o traço [+ abstrato], como observamos em (12), e entre os mais escolarizados, revelando que a variável escolaridade constitui um fator social relevante para a recuperação e manutenção do verbo *haver* na língua escrita.

(12) quando ele chegou em casa *houve* uma recepção, então comemoramos o meu aniversário e a recepção dele no mesmo dia. (EFF)

(VITÓRIO, 2015, p. 244)

Em relação à concordância verbal relacionada a esses verbos, retornamos às amostras analisadas por Vitória (2015) e verificamos que, na língua falada, tanto o verbo *ter* quanto o verbo *haver* são usados apenas na 3PS, na língua escrita, constatamos que o verbo *ter* também só ocorre na 3PS, mas encontramos duas realizações de *haver* no pretérito imperfeito na 3PP, como observamos em (13) e (14). Essas realizações podem ser consideradas, segundo Bortone e Alves (2014), como um

fenômeno da hipercorreção, que é entendido como a “tentativa de uma utilização adequada da norma-padrão, que dá prestígio social” (p. 133).

(13) Além de João e eu, *haviam* muitas pessoas na praia, porém não se via alvoroço algum, pois todos pareciam estar hipnotizados pela beleza (ESM)

(14) A praia estava lotada e *haviam* ônibus fretados. (ESF)

O aluno, ao fazer a concordância do verbo com o suposto sujeito “muitas pessoas”, incorre em um erro de análise sintática extremamente frequente. É difícil, de forma geral, o brasileiro perceber o sintagma “muitas pessoas” como objeto direto, que, portanto, está desobrigado de concordar com o verbo. De forma geral, incluindo as pessoas até mais letradas, não flexionar o verbo para o plural “haviam” seria cometer o erro de não realizar a concordância verbal correta (BORTONE; ALVES, 2014, p. 147-148).

É por esses estudos que objetivamos mensurar as normas subjetivas dos falantes maceioenses em relação ao uso de *ter* e *haver* em contextos existenciais e à concordância verbal relacionada a essas formas verbais. Para tanto, partimos do pressuposto de que as formas *haver* existencial, *haver* na 3PP e *ter* na 3PP serão as variantes preferidas pelos falantes, principalmente em contexto formal, tendo em vista que o verbo *haver* com sentido de existir é a variante padrão e a marcação de [+ concordância verbal] nas variedades do português brasileiro tende a ser uma marca de prestígio social (cf. SCHERRE; NARO, 2015).

4. Aporte teórico-metodológico

A base teórica deste estudo é a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972), que trata da variação e da mudança linguística, contemplando os usos variáveis de fenômenos linguísticos em seu contexto social. Tal proposta mostra que a língua é dotada de uma heterogeneidade sistemática e focaliza os seguintes problemas empíricos da mudança

linguística: restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação das formas variantes. O foco de nossa atenção recai, especificamente, sobre o problema empírico da avaliação linguística.

O problema de avaliação responde à seguinte questão: como as mudanças são avaliadas por seus efeitos na estrutura linguística e na estrutura social? Esse problema diz respeito à consciência que os falantes têm sobre as formas da língua e ao poder que sua atitude pode exercer no processo de mudança. Está relacionado ao nível de atenção dos falantes em relação à fala, buscando compreender três fatores, a saber, de que maneira uma comunidade de fala avalia determinada mudança linguística, qual o efeito dessa avaliação na mudança linguística e até que ponto o estigma social influencia o curso da mudança.

Os valores sociais atribuídos às variantes linguísticas frequentemente simbolizam também uma opção entre valores, tendo em vista que há no imaginário social, formas linguísticas “boas” e “ruins”. Logo, quanto menos notada ou percebida uma variante, menor o grau de estigmatização a ela conferido. É possível argumentar que se os falantes fazem uma avaliação positiva de uma forma, tanto do ponto de vista de seu valor social como da carga funcional que essa forma carrega, a mudança em direção a essa forma tende a ser acelerada. Já se os falantes tiverem uma avaliação negativa, é possível que a mudança seja refreada.

[...] as atitudes linguísticas influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticos que se produzem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra [...] que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179, tradução nossa).

Para que fosse possível mensurarmos o que pensam os falantes maceioenses sobre o uso dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais e sobre a concordância verbal associada a essas formas verbais, elaboramos um teste de reação subjetiva composto por 20 questões em que ocorriam as variantes analisadas, tomando por base o contexto linguístico (fala informal e fala formal) e o tempo verbal (presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito e futuro), como observamos na Figura 5. Freitag et al. (2015, 2016) argumentam que testes de reações subjetivas refletem os julgamentos dos falantes quanto a sua percepção sociolinguística.

Figura 5 – Excerto do instrumento de coleta de dados.

- | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Quando você está conversando, você costuma falar:
<input type="checkbox"/> tem prova na faculdade hoje
<input type="checkbox"/> há prova na faculdade hoje | 11. Quando você está conversando, você costuma falar:
<input type="checkbox"/> teve perguntas no seminário
<input type="checkbox"/> tiveram perguntas no seminário |
| 2. Quando você está apresentando seminário, você costuma falar:
<input type="checkbox"/> terá reuniões da turma
<input type="checkbox"/> terão reuniões da turma | 12. Quando você está apresentando seminário, você costuma falar:
<input type="checkbox"/> terá aula sim amanhã
<input type="checkbox"/> haverá aula sim amanhã |
| 3. Quando você está conversando, você costuma falar:
<input type="checkbox"/> houve notas altas na apresentação
<input type="checkbox"/> houveram notas altas na apresentação | 13. Quando você está conversando, você costuma falar:
<input type="checkbox"/> terá reuniões da turma
<input type="checkbox"/> terão reuniões da turma |

Fonte: elaborado pela autora.

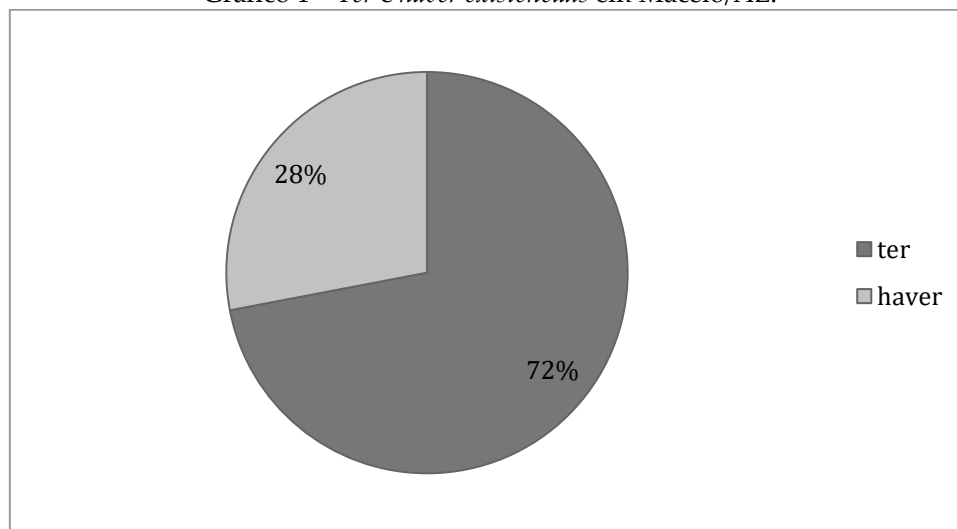
O teste foi aplicado a 60 informantes maceioenses, com idades entre 18 e 47 anos, que estavam cursando o ensino superior, durante os meses de abril a julho de 2017. Primeiramente, os informantes preencheram uma ficha social, contendo as seguintes informações: cidade em que nasceu, bairro em que mora, bairro em que morou durante a infância, idade, sexo/gênero e profissão. Em seguida, receberam as instruções a respeito de como responder ao teste e responderam-no, tendo em mente o seu comportamento linguístico. Por fim, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

5. Análise e discussão dos dados

5.1 Variação *ter/haver* em construções existenciais

Com base na configuração dos padrões variacionais sobre o uso dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais, parece ser um consenso nos estudos da sociolinguística de produção de que não há estigma na variação entre *ter* e *haver* existenciais nas variedades do português brasileiro. No entanto, o que o brasileiro acha que fala? Para verificarmos o que pensa o falante maceioense, após análise das questões sobre *ter/haver*, obtivemos 487 respostas, que estão distribuídas em 352 para o uso de *ter* e 135 para o uso de *haver*, representando 72% de preferência para *ter* contra 28% de preferência para *haver*, conforme Gráfico 1.

Gráfico 1 – *Ter e haver* existenciais em Maceió/AL.



Fonte: elaborado pela autora.

Esses resultados vão na mesma direção dos dados de produção, revelando que *ter* é o verbo existencial preferido, o que pode ser um indício de que, nessa comunidade de fala, não há estigma em relação a esse fenômeno linguístico variável. No entanto, é importante ressaltar que, nos dados de produção, *haver* apresenta apenas 5% de uso, registramos aqui 28% de preferência a essa forma verbal, o que pode estar relacionada à consciência ao padrão de uso “correto” da língua, que elege apenas *haver*, como

observamos no comentário 1, e à formalidade que esse verbo pode carregar, como observamos nos comentários 2 e 3.

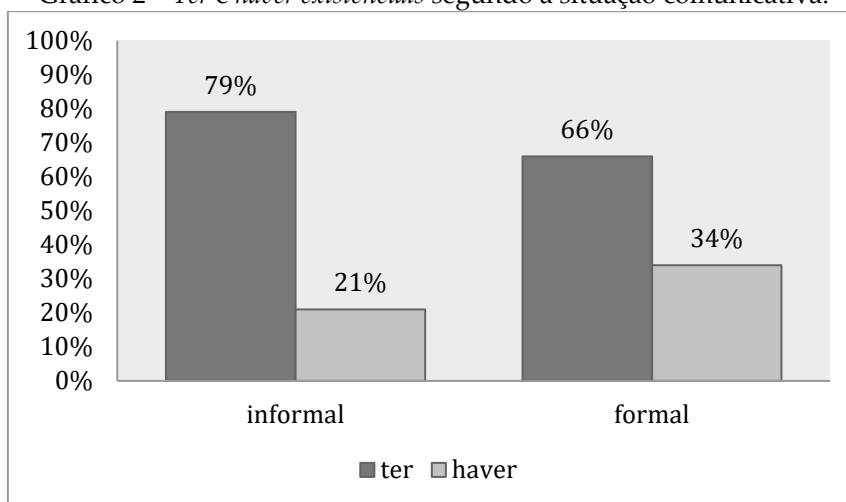
Comentário 1 – eu acho melhor *há um professor na sala, houve aula ontem, havia duas alunas na sala*, porque é a forma correta.

Comentário 2 – eu acho melhor o verbo *haver*, pois há mais formalidade ao falar.

Comentário 3 – eu prefiro o verbo *haver* por ser mais formal.

Em relação ao monitoramento estilístico (informal e formal) que pode condicionar a escolha dessas formas verbais, consideramos também a gradiência de usos quanto ao nível de formalidade da situação (cf. BORTONI-RICARDO, 2004) e verificamos, conforme Gráfico 2, que tanto na situação informal (conversa do dia a dia) quanto na situação formal (apresentação de seminário), *ter* é o verbo existencial preferido, mas na situação formal, há uma preferência maior pelo uso de *haver* – 34% versus 21% na situação informal – o que parece indicar que estamos diante de um marcador linguístico na fala maceioense.

Gráfico 2 – *Ter e haver existenciais* segundo a situação comunicativa.

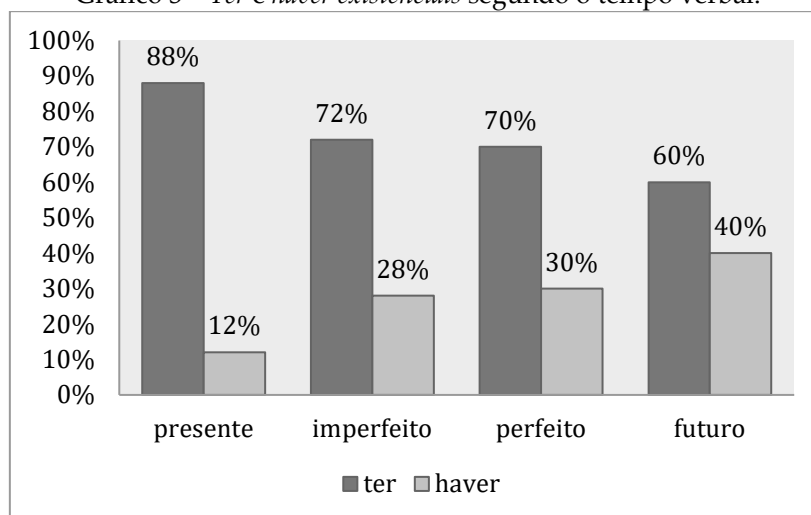


Fonte: elaborado pela autora.

Considerar que a variação dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais na cidade de Maceió/AL tem um comportamento linguístico de marcador, que é entendido como um traço linguístico social e estilisticamente estratificado (cf. LABOV, 1972), significa dizer que o uso de *ter* e *haver existenciais* não é estigmatizado, ou seja, não é rotulado socialmente como “ruim”, “feio” ou “errado”. No entanto, o emprego dessas variantes está correlacionado a variáveis estilísticas (grau de formalidade/informalidade, por exemplo), variáveis sociais (escolaridade e faixa etária) e variáveis de registro (língua falada e língua escrita).

Outro fator importante na escolha de *ter* e *haver* em construções existenciais diz respeito ao tempo verbal expresso por essas formas verbais – passado, presente e futuro. Pesquisas sociolinguísticas (CALLOU; AVELAR, 2000; MARINS, 2013; VITÓRIO, 2015; OLIVEIRA, 2017) têm apontado que *haver* teria passado a assumir características de um verbo prototipicamente narrativo, logo seu uso estaria mais comumente associado ao pretérito, mais frequente em textos dessa tipologia. Em nossa análise, conforme Gráfico 3, verificamos que no tempo presente os falantes preferem menos o uso de *haver existencial*.

Gráfico 3 – *Ter e haver existenciais* segundo o tempo verbal.



Fonte: elaborado pela autora.

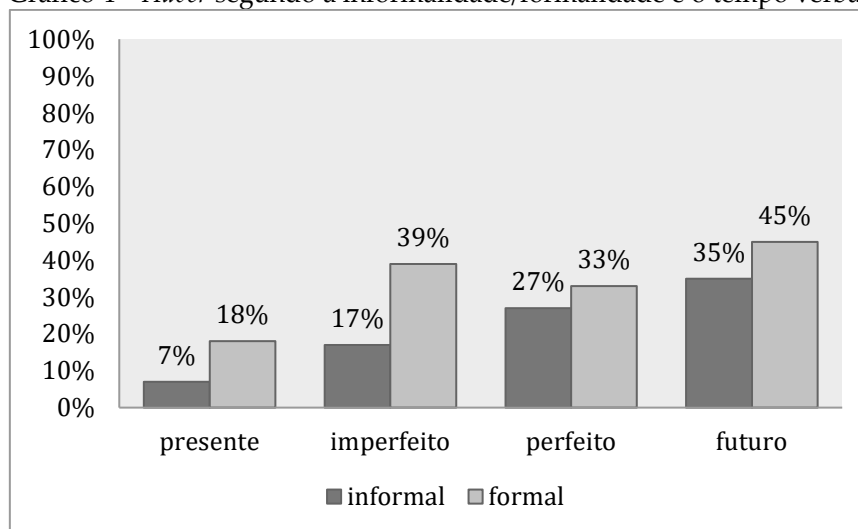
Esses dados mostram que apesar de *ter* ser o verbo existencial preferido em todos os tempos verbais analisados na comunidade em estudo, verificamos que tanto no pretérito imperfeito e no perfeito, como observamos em (15) e (16), respectivamente, quanto no futuro, como observamos em (17), há uma preferência maior pelo uso do verbo *haver*, com o futuro favorecendo mais a sua realização – 40% versus 28% para o imperfeito e 30% para o perfeito. Caso que não ocorre com o tempo presente, corroborando os dados de produção que tendem a mostrar que *haver existencial* é menos frequente nesse tempo verbal.

(15) *havia* poucos alunos na sala.

(16) *houve* seminário ontem.

(17) *haverá* aula sim amanhã.

Ainda com o intuito de checar a atuação da informalidade/formalidade da situação comunicativa e o tempo verbal na escolha por *haver*, fizemos o cruzamento entre essas variáveis e verificamos, conforme Gráfico 4, que na situação formal, *haver* é o existencial preferido em todos os tempos verbais, principalmente no pretérito imperfeito e no futuro do presente. O contexto que menos favorece a escolha desse verbo é a situação informal quando *haver* é usado no presente, apresentando apenas uma preferência de 7%, mas quando expresso nos pretéritos imperfeito e perfeito e no futuro, obtivemos percentuais de 17%, 27% e 35%, respectivamente.

Gráfico 4 – *Haver* segundo a informalidade/formalidade e o tempo verbal.

Fonte: elaborado pela autora.

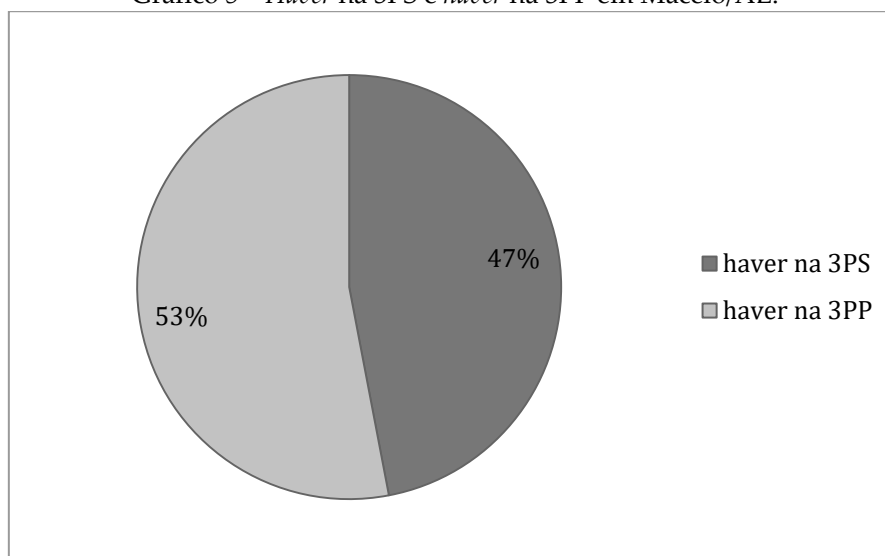
Apesar dos instrumentos normativos atuarem fortemente para barrar a variação *ter* e *haver* existenciais, ora atribuindo o uso de *ter* à linguagem informal (BECHARA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2001), ora argumentando que a realização de *ter* por *haver* constitui um erro crasso, devendo portanto, ser evitada pelo falante (ALMEIDA, 1999), os resultados obtidos sinalizam que, na comunidade de fala maceioense, *ter* é o verbo existencial preferido, mesmo em situações formais de uso da fala, apesar do leve aumento na preferência por *haver*, reforçando o que se constatam nos estudos de produção (cf. VITÓRIO, 2015).

5.2 Concordância verbal com *ter/haver* em construções existenciais

Em relação à concordância verbal relacionada a essas formas verbais, após a análise das questões, obtivemos 362 respostas para *haver* e 366 respostas para *ter* e verificamos, conforme gráficos 5 e 6, que tanto *haver* na 3PP quanto *ter* na 3PP são as variantes preferidas pelos falantes maceioenses. Quanto ao uso de *haver*, nossos dados mostram percentuais de 53% para *haver* na 3PP contra 47% para *haver* na 3PS, revelando uma competição acirrada entre essas variantes, quanto ao uso de *ter*,

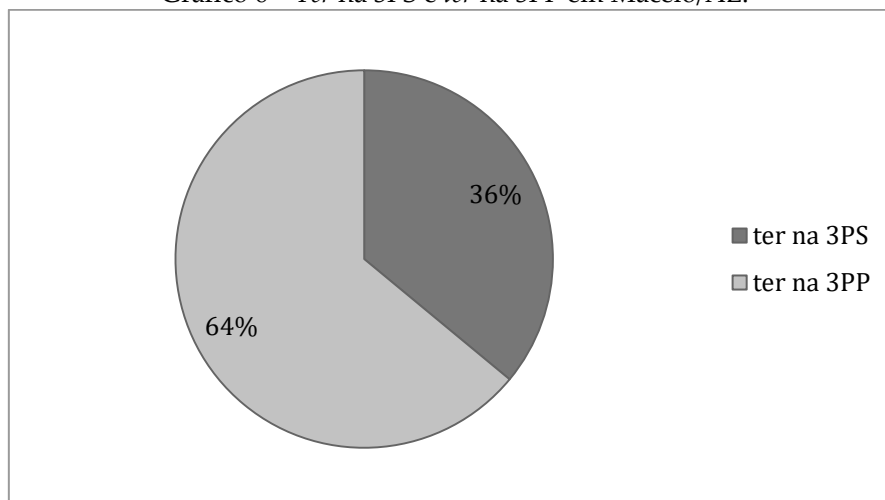
computamos 64% para *ter* na 3PP contra 36% para *ter* na 3PS, indicando uma preferência muito maior pela pluralização desse verbo.

Gráfico 5 – *Haver* na 3PS e *haver* na 3PP em Maceió/AL.



Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 6 – *Ter* na 3PS e *ter* na 3PP em Maceió/AL.



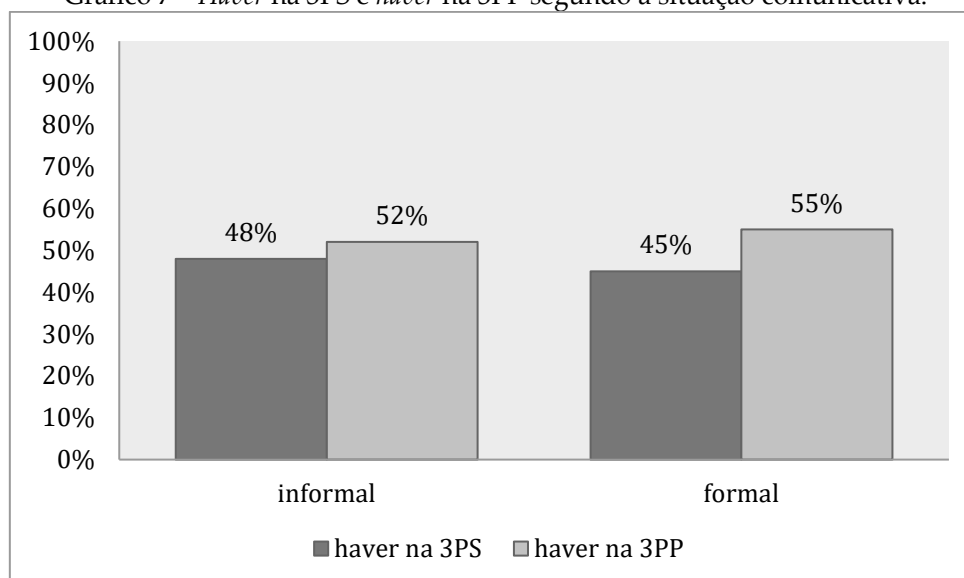
Fonte: elaborado pela autora.

A preferência pela pluralização de *haver* e *ter* em construções existenciais parece ser um reflexo do fato de a concordância verbal ser um assunto bastante trabalhado no ambiente escolar, tendo em vista que a ausência de marcas de concordância verbal

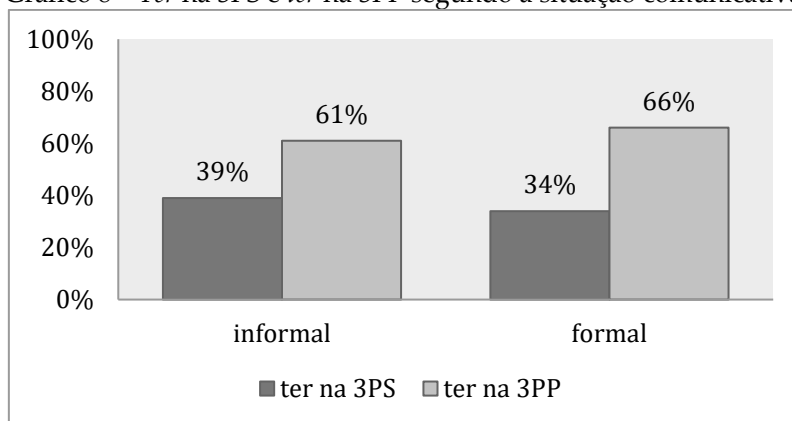
tende a se comportar como um traço descontínuo, muito estigmatizado nas variedades urbanas do português brasileiro. Dessa forma, o falante parece buscar, no argumento interno das construções existenciais, que recebe o caso absoluto (cf. CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011), a possibilidade de preencher o lugar do sujeito que, nessas construções, está vazio.

No que diz respeito à interferência do monitoramento estilístico (informal e formal) na escolha dessas variantes, verificamos, conforme os gráficos 7 e 8, que tanto *haver* na 3PP quanto *ter* na 3PP são as variantes escolhidas nas duas situações comunicativas (conversa do dia a dia e apresentação de seminário), mas na situação formal (apresentação de seminário) observamos percentuais maiores de escolhas – 55% para *haver* na 3PP e 66% para *ter* na 3PP – mostrando que as normas subjetivas dos falantes maceioenses revelam que a pluralização de *haver* e *ter* é a forma linguística preferida em situações mais formais.

Gráfico 7 – *Haver* na 3PS e *haver* na 3PP segundo a situação comunicativa.

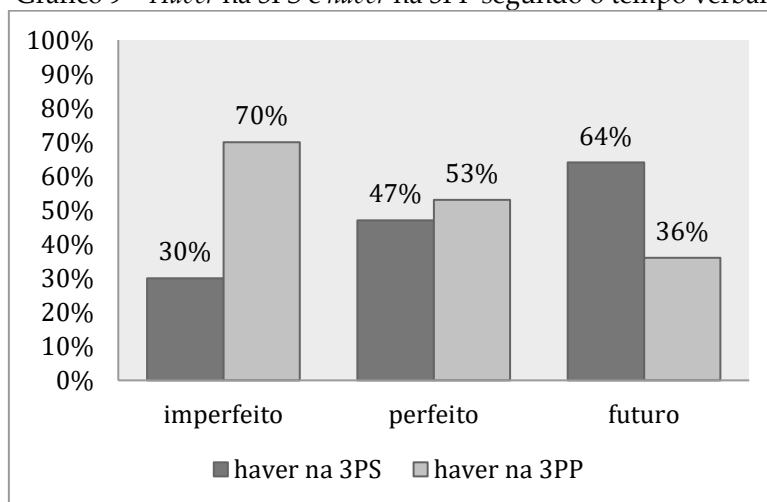


Fonte: elaborado pela autora.

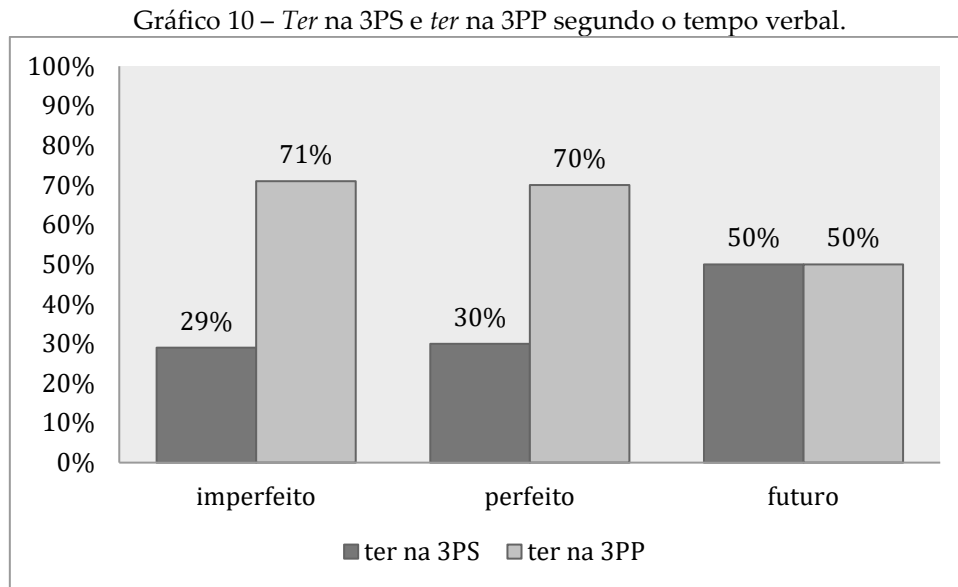
Gráfico 8 – *Ter* na 3PS e *ter* na 3PP segundo a situação comunicativa.

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação às atitudes dos falantes no que diz respeito ao tempo verbal expresso por essas variantes, verificamos, conforme gráficos 9 e 10, que enquanto os pretéritos imperfeito e o perfeito favorecem a pluralização de *haver* e *ter*, o futuro do presente favorece o uso de *haver* na 3PS e comporta-se como um tempo neutro em relação ao uso de *ter*. Quanto à pluralização de *haver*, obtivemos percentuais de 70% para o pretérito imperfeito e 53% para o perfeito, como observamos em (18) e (19), respectivamente, e quanto à pluralização de *ter*, verificamos 71% para o pretérito imperfeito e 70% para o perfeito, como observamos em (20) e (21), respectivamente.

Gráfico 9 – *Haver* na 3PS e *haver* na 3PP segundo o tempo verbal.

Fonte: elaborado pela autora.



Fonte: elaborado pela autora.

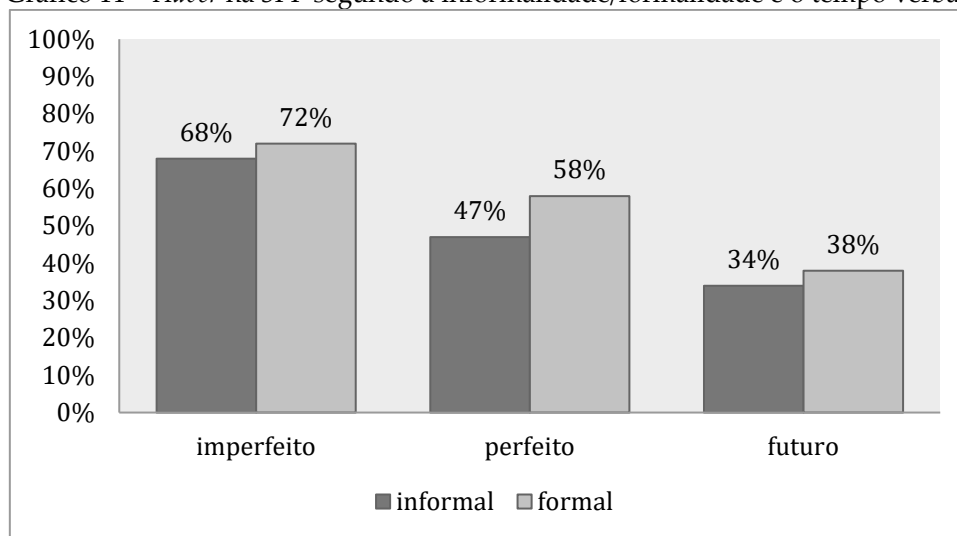
(18) *haviam* poucos alunos na faculdade.

(19) *houveram* notas altas na apresentação.

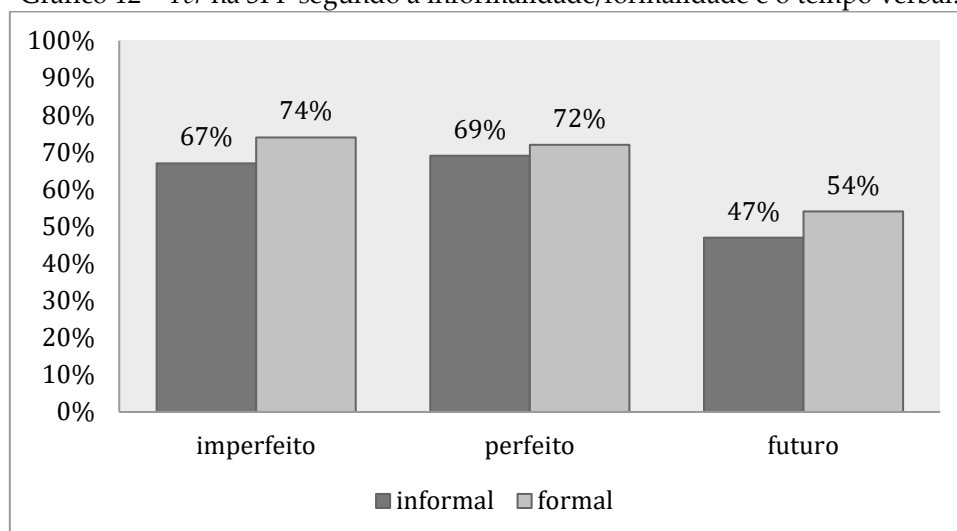
(20) *tinham* dois professores na reunião.

(21) *tiveram* perguntas no seminário.

Ainda com o objetivo de checar a atuação da informalidade/formalidade da situação comunicativa e o tempo verbal nas escolhas dos falantes sobre o uso de *haver* e *ter* na 3PP, realizamos o cruzamento entre essas variáveis e verificamos, conforme gráficos 11 e 12, que tanto *haver* na 3PP quanto *ter* na 3PP apresentam percentuais maiores na situação formal em todos os tempos verbais analisados, com *haver* na 3PP sendo mais frequente no pretérito imperfeito, apresentando um percentual de 72% e *ter* na 3PP sendo mais frequente nos pretéritos imperfeito e perfeito, apresentando percentuais de 74% e 72%, respectivamente.

Gráfico 11 – *Haver* na 3PP segundo a informalidade/formalidade e o tempo verbal.

Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 12 – *Ter* na 3PP segundo a informalidade/formalidade e o tempo verbal.

Fonte: elaborado pela autora.

Os verbos *haver* e *ter* com sentido de *existir* são classificados como verbos impessoais pela norma gramatical, devendo portanto, serem usados na 3PS (cf. BECHARA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2001), e a não harmonia entre o uso e as regras prescritas da concordância verbal tende a ser um fenômeno socialmente marcado de forma consciente nas variedades urbanas do português brasileiro (cf. SCHERRE; NARO, 2015). No entanto, parece que o uso de *haver* e *ter* na 3PP, na comunidade de

fala maceioense, não é estigmatizado, pois a preferência pelo uso dessas variantes transita pelos contextos formais e informais.

Considerar que uma variante não é estigmatizada em uma comunidade de fala significa assumir que ela não carrega juízo de valoração negativa. Nesse sentido, o que parece haver aqui são juízos de valoração positiva em relação à pluralização de *haver* e *ter*. Fato que é validado também pelo uso dessas variantes em contextos mais formais de uso da língua, uma vez que os falantes mais letrados também optam pela pluralização desses verbos em contextos de escrita mais formal, o que pode estar associado ao fenômeno da hipercorreção relacionado à insegurança linguística, conforme pontua Bagno (2011).

A incoerência da análise da TGP (tradição gramatical do português) e da prática de ensino nela inspirada é que provoca nos falantes a insegurança acerca de quais verbos apresentacionais devem ou não concordar com o sintagma nominal que se segue a ele. Por causa dessa insegurança, muitos falantes incorrem na hipercorreção ao flexionar os verbos apresentacionais (BAGNO, 2011, p. 627).

Bagno (2011) não só argumenta que a hipercorreção se enquadra nas práticas de higiene verbal,² como também propõe dois princípios sociocognitivos para o fenômeno da hipercorreção, a saber: (i) “entre uma forma A, habitual e espontânea, e uma forma B, estranha à variedade linguística da pessoa, ela opta pela forma B em contextos que lhe parecem exigir um estilo mais monitorado” (p. 954); e (ii) “entre uma forma X, já incorporada à gramática do PB, e uma forma Y, presente no padrão normativo, a pessoa opta pela forma Y para não sofrer estigma de seus pares e, assim, preservar sua imagem” (p. 955).

Quanto à pluralização de *haver* e *ter*, o autor argumenta que se encaixa no primeiro princípio da hipercorreção, pois os falantes, em contextos mais monitorados,

² O termo higiene verbal foi proposto por Cameron (1995) na obra *Verbal Hygiene* e diz respeito às práticas conscientes e inconscientes de normatização.

tendem a escolher uma forma estranha a sua variedade e essa escolha os leva a usarem formas linguísticas que desviam tanto da gramática normativa quanto da gramática intuitiva dos falantes. A hipercorreção, segundo Labov (1972), desempenha um papel importante no processo de mudança linguística, pois se a forma inovadora começa a ser usada pelas classes sociais mais favorecidas, ela pode deixar de ser vista como erro e se consolidar como correta.

A mudança linguística leva, pois, em conta o prestígio das formas alternantes (variantes) em diferentes estágios de propagação da mudança linguística. Contudo, nem sempre uma das variantes é menos prestigiada do que outra: a variação é possível de ocorrer tanto entre formas igualmente aceitas pela tradição normativa quanto entre formas de *status* normativo desigual. Agentes como escolarização, contato com a escrita, mídia e origem social tendem a influir no aumento ou na diminuição da ocorrência de formas standards (padrão ou conservadora) (RONCARATI, 2008, p. 50).

Nesse contexto, a preferência pelo uso dos verbos *haver* e *ter* em construções existenciais na 3PP parece indicar que tal fenômeno não é um estereótipo linguístico, ou seja, um traço linguístico socialmente marcado de forma consciente. Esse comportamento parece também ser validado pelas piadas, pelos memes e pelas mensagens que circulam em redes sociais em que *ter* e *haver existenciais* são usados na 3PP, como observamos na Figura (6). Apesar de esses usos impossibilitarem a identificação da autoria e o perfil sociodemográfico do seu autor, oferecem pistas sobre o nível de consciência da avaliação social dessas variantes.

Figura 6 – Realizações dos verbos *haver* e *ter* na 3PP.

Fonte: redes sociais.

No entanto, é possível também pensar que o nível de consciência da avaliação social dos padrões de concordância com *ter* e *haver*, principalmente com o verbo *haver*, parece ser visto socialmente como negativo. É o que ocorre no episódio em que o atual Ministro da Educação, ao falar sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), diz que “haverão mudanças” e a mídia, como observamos na Figura (7), diz que a troca de *haverá* por *haverão* é um tropeço feio, um erro crasso, comportamento que também pode ser validado na Figura (8), em que o personagem Robin é agredido por usar *haver* na 3PP – *sempre haverão vilões*.

Figura 7 – Reações ao uso do verbo *haver* na 3PP.

Ministro da Educação tropeça feio no português durante entrevista

"Haverão mudanças", disse o ministro do Educação, Mendonça Filho

Por **Camila Pati**

21 fev 2017, 17h16 - Publicado em 21 fev 2017, 17h11

Ministro da Educação comete erro crasso de português

Mendonça Filho afirmou durante entrevista que "haverão (sic) mudanças" ao se referir ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)

Por **Da redação**

22 fev 2017, 10h09 - Publicado em 21 fev 2017, 09h26

Fonte: Internet.

Figura 8 – Realização do verbo *haver* na 3PP.

Fonte: Redes sociais.

Nossos dados mostram que os falantes maceioenses preferem o uso de *haver* e *ter* na 3PP, o que parece indicar, de acordo com as normas subjetivas analisadas, que estamos diante de um marcador linguístico, pois a escolha pela pluralização desses verbos aumenta quando o contexto é mais formal, mostrando um traço linguístico social e estilisticamente marcado. No entanto, a norma subjetiva presente nas figuras

7 e 8 parece caminhar na direção contrária, reforçando a ideia de que há aqui um erro crasso que deve ser evitado, apesar da pluralização de *haver* e *ter* ser encontrada em diferentes situações formais de fala e escrita.

6. Considerações finais

Mensurar o que pensa o falante maceioense sobre a variação *ter* e *haver* e a pluralização desses verbos em construções existenciais foi o objetivo desta pesquisa. Para tanto, consideramos a língua como dotada de uma heterogeneidade ordenada, recorrendo assim, à Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972) e focalizamos no problema empírico da avaliação linguística. O problema da avaliação diz respeito à atitude subjetiva e consciente do falante em relação às formas linguísticas em variação ou mudança, tendo em vista que uma atitude positiva ou negativa pode acelerar ou barrar uma mudança linguística.

Em relação à variação *ter/haver* em construções existenciais, os dados de percepção caminham na mesma direção dos dados de produção, mostrando que *ter* é o verbo existencial preferido, apesar de existir um percentual de 28% de escolha pelo uso de *haver*, o que pode estar associado à norma gramatical e à formalidade da situação. Também verificamos que, em situações formais, como apresentação de seminário, e nos tempos pretérito imperfeito e perfeito e futuro do presente, há um aumento no percentual de preferência pelo uso de *haver*, indicando que estamos diante de um traço linguístico que é social e estilisticamente estratificado.

No que diz respeito à concordância verbal com *ter* e *haver* em construções existenciais, observamos que as normas subjetivas dos falantes elegem tanto *haver* quanto *ter* na 3PP, principalmente em contextos formais, como apresentação de seminário, e nos tempos pretérito imperfeito e perfeito. Esses dados parecem indicar não só um reflexo da variação da concordância verbal, em que a não harmonia entre sujeito e verbo tende a ser estigmatizada nas variedades urbanas do português

brasileiro, caracterizando-se como um fenômeno de hipercorreção, como também que não há estigma na pluralização dessas formas.

Essas considerações são ainda questões que vêm sendo formuladas e testadas na comunidade de fala maceioense. Logo, julgamos pertinente a aplicação de outros testes de percepção, o que nos permitirá ampliar o diálogo entre estudos de percepção e produção. No entanto, salientamos a relevância desta pesquisa para a descrição e análise da realização dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais e para as discussões acerca do problema empírico da avaliação linguística. Da mesma forma, os resultados a que chegamos somam informações importantes sobre o estatuto da variação *ter/haver existenciais*.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1999.

AVELAR, J. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. **Letras de Hoje**, v. 41, n. 1, p. 49-74, 2006a. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.14.2.99-143>

AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, 4, p. 99-144, 2006b.

AVELAR, J.; CALLOU, D. Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no português brasileiro. In: CASTILHO, A. et al. (org.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Pontes, 2007, p. 375-402.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BERLINCK, R.; DUARTE, E.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

BORTONE, M. E.; ALVES, S. B. O fenômeno da hipercorreção. In: BORTONI-RICARDO, S. M. et al. (org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. Um modelo para a análise sociolinguística do português do Brasil. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Revista Gragoatá**, n. 9, p. 85-100, 2000.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Ter/Haver – constructions and verbal agreement. In: MOTA, M. A.; VIEIRA, S. R. (Ed.). **Journal of Portuguese Linguistics**. 12-2, p. 187-208, 2013.

CALLOU, D.; BATISTA, P.; ALMEIDA, E. “*Houveram/tiveram* muitas reuniões”: construções existenciais e a concordância verbal. **Cuadernos de La ALFAL**, n. 7, marzo, p. 185-194, 2015.

CALLOU, D.; DUARTE, E. A fixação do verbo ter em contextos existenciais. **Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, APL, 2005.

CASTILHO, A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CARDOSO, S.; MOTA, J. Estudos geolinguísticos: caminhos seguidos no território brasileiro. **Linguística**, v. 33-1, 2017, p. 89-105.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUARTE, E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DUARTE, E. **A perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Tese (Doutorado). IEL-UNICAMP, 1995.

DE MELLO, G. Pluralización del verbo “haber” impersonal en el español hablado culto de once ciudades. **Boletín del Instituto Caro y Cuervo**. Tomo XLVI, p. 445-471, 1991.

DUTRA, C. **Ter e haver na norma culta de Salvador**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

FONTANELLA, M. B. Evolución de los usos de “ser-estar” y “haber-tener” en el español bonaerense. **Lingüística**, n. 9, ALFAL, p. 11-124, 1997.

FREITAG, R. et al. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização de “português brasileiro”. **Signo y Señá**, n. 28, p. 65-87, 2015.

FREITAG, R. et al. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do sul e do nordeste. **Todas as Letras**, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 1972.

MARINS, J. **As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo**: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com *ter* e *haver* no PB e no PE. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2013.

MORENO FERNÁNDES, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

OLIVEIRA, J. **Variação dos verbos ter e haver em sentenças existenciais no sertão alagoano**. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Delmiro Gouveia, Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, 2017.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis: Vozes. 2016.

RONCARATI, C. Prestígio e preconceito lingüísticos. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário**, no 36, p. 45-56, 1. sem. 2008.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: variable concord in Rio de Janeiro. **Language Variation and Change**, n. 26.3, p. 331-357.

SILVA, R. **Variação ter/haver na fala pessoense**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

SOUZA, F. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular? A variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR**. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2015.

VITÓRIO, E. Ter e haver existenciais: gramática versus uso. **Revista Urutágua: acadêmica multidisciplinar**, n. 21, p. 90-98, 2010a.

VITÓRIO, E. Aquisição e variação dos verbos ter e haver existenciais no PB. **Veredas online**, Juiz de Fora, Atemática – 1/2010, p. 53-63, 2010b.

VITÓRIO, E. A alternância dos verbos ter e haver em construções existenciais na escrita jornalística. In: SINIEL, 2012, Recife. **Anais**. Recife: 2012, p. 434-450.

VITÓRIO, E. O (des)uso do verbo haver existencial. **Web-Revista Sociodialeto**. v. 6, n. 17, 228-249, nov. 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Empirical foundations for a theory of language change**. University of Texas Press, 1968.

Artigo recebido em: 29.11.2017

Artigo aprovado em: 03.05.2018